



EU VOU
ESQUECER VOCÊ
EM PARIS
e em outras cidades

CARMÉLIA
ARAGÃO

EC

EU VOU ESQUECER
VOCÊ EM PARIS
E EM OUTRAS CIDADES

Carmélia Aragão

EU VOU ESQUECER

VOCÊ EM PARIS

E EM OUTRAS CIDADES

Contos

Nova edição revista pela autora

PREFÁCIO DE

Mikaelly Andrade

NOTA DA AUTORA

Resolvi fazer esta edição *Eu vou esquecer você em Paris e em outras cidades* em comemoração aos 10 anos de publicação de *Eu vou esquecer você em Paris* (2007) e também a fim de disponibilizar meu trabalho a um número maior de leitores interessados, em especial minhas leitoras. Esta edição faz parte do Projeto **Escritoras Cearenses** (@escritorasce), criado e dirigido pela escritora Mikaelly Andrade, que tem como objetivo divulgar e tornar acessível a literatura escrita por mulheres cearenses. Além dos 15 contos do livro inicial, para lembrar a escritora que fui, também acrescentei mais 05 contos, intitulados de *E em outras cidades*, para mostrar a escritora que me tornei ao longo destes 10 anos.

C.

Sobral, 17 de julho de 2017.

Sumário

EU VOU ESQUECER VOCÊ EM PARIS

Entre nós se abriu uma porta e alguém, sem rosto ainda, ali, nos esperava.

Pablo Neruda

Romance Russo

Seja feliz (fragmentos da felicidade)

2003 (Carmina)

O quarto

Holometábulo

O homem que C. esperava

Pulsos intactos

Página 12224

Meu reino por uma fivela.

Escrevia e apagava

Quase

Felis catus (a resposta do gato ao contista)

Crônica do 2º Andar

A menina que tinha gatos dentro de si

Eu vou esquecer você em Paris.

E EM OUTRAS CIDADES

Para fora deste mundo não podemos cair.

Christian Dietrich Grabbe

Um par de sapatos para Antonio Quijano

O gato de Alice

Com a certeza de que você viria

Ester e as três mortes de sua mãe cega

As paralelas (ou A Macabéa e a Bailarina)

SOBRE CARMÉLIA ARAGÃO E ESTE LIVRO

Prefácio – *Palavras que nos atingem para além da memória*, Mikaelly Andrade

Depoimento – Helena

A autora

Provavelmente quando Carmélia Aragão inscreveu seu primeiro livro no Edital de Incentivo às Artes da SECULT/CE em 2006, na categoria de contos e foi agraciada pelo prêmio, não imaginou que voltaria a ele dez anos depois.

Eu vou esquecer você em Paris ganha uma edição duplamente especial. 1) especial por que é uma edição comemorativa dos seus dez anos de lançamento e, sua autora resolveu acrescentar à obra mais cinco contos, sendo alguns inéditos, fechando essa edição com vinte histórias. Além dos novos textos da autora, o livro ganha um depoimento da escritora uruguaia, Helena Modzelewski. 2) porque Carmélia Aragão escolheu relançar seu livro através do projeto literário e selo independente Escritoras Cearenses, que objetiva resgatar obras que foram “apagadas” pelo tempo e também viabilizar obras inéditas (ou não), trazendo visibilidade para cada autora cearense publicada; *Eu vou esquecer você em Paris e em outras cidades* é a primeira publicação do selo, com capa assinada pela ilustradora Ana Novaes.

Bom, leitura realizada, não é difícil perceber que Carmélia trata das relações humanas no seu modo mais idiossincrático, desafiando as palavras de maneira magistral acerca do tema mais frequente que é a solidão. Em sua grande maioria, a personagem principal é uma mulher que busca encontrar a si mesma já que está perdida dentro de suas próprias angústias e vacilações.

É possível encontrar características recorrentes em suas personagens dando-nos a impressão de que os contos estão interligados. Vemos aparecer primeiramente em *Romance Russo*, onde autora descreve a vítima de um futuro assassinato: “teria que ser do sexo feminino, na faixa de 20-30 anos, branca, de olhos e cabelos pretos, escuros e crespos” e a caracterização do assassino: “um velho magro de olhos azuis, sorriso bondoso”. As mesmas características descrevem as personagens dos contos: *O Homem que C. Esperava*, *Pulsos Intactos* e *A Menina que Tinha Gatos Dentro de Si*. Além da repetição da letra “C” nomeando personagens de vários contos e representando a inicial do nome de uma cidade no conto *Página 12224*.

Mas, além das repetições propositais ou não, a leitora ou o leitor, vai se deparar com bastante referência literária no decorrer das histórias. Referências que fizeram da leitora Carmélia, uma primorosa escritora. Nomes de autores como: Dostoiévski, Edgar Allan Poe, George Orwell, Emily Brontë, Virginia Woolf e Clarice Lispector aparecem pelos contos. Duas personagens bastante famosas também são homenageadas, são elas Madame Bovary e Mrs Dalloway.

“Entre o que não é real e o real. Entre a dor e a Literatura. No meio de tudo. No limiar da loucura. Havia chegado a hora.” Dessa forma, Carmélia passa do fantástico para o estranho, cravando em nossa memória histórias de busca, fuga e encontros; além da elegância da prosa limpa e fluida ao retratar a vulnerabilidade da nossa existência.

EU VOU ESQUECER
VOCÊ EM PARIS

A minha avó,
Amélia Ximenes Aragão
E aos meus pais,
Carlos e Maria Amélia.

Entre nós se abriu uma porta e alguém, sem rosto ainda, ali, nos esperava.

Pablo Neruda

Romance Russo

A Cidade tinha “n” milhões de habitantes. Mas a vítima teria que ser do sexo feminino, na faixa dos 20-30 anos, branca, de olhos e cabelos pretos, escuros e crespos. E, sobretudo, teria que ler Dostoievski, precisamente: *Niéotchka Niezvânova*. A vítima teria que andar de ônibus, fazendo o percurso da Avenida Principal até o Terminal Rodoviário, tomar café no bar Três Amores, onde encontraria um velho magro de olhos azuis, sorriso bondoso, também lendo, coincidentemente, *Niéotchka Niezvânova*. Eram raras as vítimas. Parecia que procurava pela pessoa predestinada, como alguém que estivesse sempre prestes a chegar, sem que soubesse como ou onde, mas apenas o porquê: a morte. A angústia do assassino talvez fosse saciada se mudasse de autor, ou, pelo menos, o título do livro. Mas, aí, não seriam vítimas, e sim, moscas, e moscas têm-se aos milhares. Eram seletas, bem seletas suas vítimas e inocentes.

Seja Feliz

(FRAGMENTOS DA FELICIDADE)

FRAGMENTO I: JOSÉ, O ENGENHEIRO

Para quem já esteve em Nova York, nas falecidas duas torres, era inacreditável que, também de um prédio de apenas cinco andares, alguém pudesse ver toda cidade ainda que do interior das pindaíbas. Quando esteve em Nova York, no alto das falecidas duas torres, ele, José, o engenheiro, sentiu-se com mais poderes que todas as autoridades divinas e a ideia de que era brasileiro nem passou por sua cabeça, até falava em inglês. E como poderia agora, ele, José, o engenheiro, do quinto andar de um prédio no interior das pindaíbas, sentir novamente aquela sensação, inclusive pensando em português?

— Sou uma derrota como criador. Minha grande obra: uma ponte submersa. Pois bem, José, trate de ser feliz, outros fracassos virão. — falava para si mesmo.

Fechou a porta do escritório, já descia no elevador sem perceber o sinal da secretária eletrônica. Pela parede de vidro, as balsas iam e vinham carregando os ribeirinhos.

FRAGMENTO II- A MÃE

Padre Aloísio olharia o relógio pela quinta vez se Olga não tivesse lhe segurado pelo braço. O coração ecoava no corpo, única coisa viva na dormência provocada pelo susto daquela “presença fantasma”. Levantou-se. Vestia a túnica.

— Sei que são três horas da manhã, ela disse.

— Como você entrou aqui no meu quarto?

— Tenho a cópia das chaves de todas as casas da cidade.

Olga era filha de um antigo chaveiro, herdara, portanto, o dom das fechaduras. Não havia cofre, gaveta, porta que não soubesse abrir. Após a morte do pai, os negócios se expandiram para alarme, sistema de câmeras, cercas elétricas e até adestramento de cães rottweiler. Se não fosse a ética dos chaveiros, Olga poderia fazer um jogo muito mais diabólico que aquele de entrar nas casas à noite pelo simples prazer de entrar. Ainda bem que a alma do negócio de todo bom chaveiro era o segredo e de todo padre, a escuta.

—O que houve? O que você quer?

— Me confessar.

— Então fale, ora.

—Faz mais de vinte anos que não consigo perdoar minha mãe. Ela proibiu meu casamento com Manoel Ferreira.

— Não acredito que você invadiu meu quarto para me dizer o que me diz quase diariamente na igreja. Olga, invadir o quarto de um sacerdote é algo muito grave! Ter, inexplicavelmente, a cópia de todas as chaves da cidade é gravíssimo!

Acontece que padre Aloísio sabia apenas o que se sabia e mais nada. Sabia que ambos se conheceram quando Manoel ferreira, o Manoelzinho, foi trabalhar na loja do pai de Olga. Sabia também que a mãe era contra. E sabia que ele hoje era um bêbado que vivia às custas de uma prostituta. Mas o que padre Aluísio não sabia era que, num dia de chuva, enquanto Olga fechava o comércio, Manoelzinho apareceu.

— Olga, as putas valem mais que você, elas não esperam a mãe morrer para serem felizes. Hoje, faz dezoito anos e nove dias que você pede a Deus a morte da sua. Hipócrita. Hipócrita.

Realmente, padre Aloísio não sabia de nada. Não sabia que ela, ao chegar em casa, desceu com a mãe ao porão e por lá a esqueceu dando-lhe, durante anos, o necessário. Não sabia que o segredo de ter todas as chaves vinha dos tempos do namoro proibido, quando eles fabricavam as cópias para encontros. E que, hoje, Olga entrava e saía das casas. Para quê?

— Padre, acho que matei minha mãe.

– O quê?

– Ontem, ela me deixou isso.

Era um papel sujo, escrito com uma coisa que não era tinta nem sangue nem lama, uma mensagem mais que sintetizadora: “SEJA FELIZ”.

FRAGMENTO III- O NOIVO

O homem enorme chorando entre as garrafas de cerveja. Beatriz deixou o bar e atravessou a rua. Nem olhou para trás. Nem se lembrava mais que Cristiano, pela sétima vez, quer dizer, pelo menos noivar.

– Por favor, me esquece e vai ser feliz. Tenta, ta certo?!

Esse era o único defeito dele.

FRAGMENTO IV – O CONTISTA

Sim, um conto novo. Três crônicas que se unem em um conto. Três situações diferentes em que podemos dizer “seja feliz”. Três pequenas tentativas de escrever uma tragédia sangrenta. Maria do Carmo, olhos fixos à tela do computador, enquanto eu esperava o veredicto. Ela ria. Provavelmente, a pretensa tragédia tinha virado cinema *trash*, conto da carochinha, história de Trancoso. Maria do Carmo não era a mulher que um contista poderia ter, apesar de bastante bonita, inteligente e curiosa. Lia de tudo: meus livros, minha correspondência, meus escritos, até eu mesmo, que talvez lhe fosse como meus envelopes que ela violava.

Sempre fôramos vizinhos de frente, mas separados pela Praça da Matriz. Cidadezinha pequena: “Eita vida besta, meu Deus!” mamãe era amiga íntima da velha Regina, mãe de Maria. Portanto, eu a vi crescer, entrar no meu quarto e carregar meus livros. Perguntara-lhe muitas vezes se ela pelo menos os lia ou se os empilhava como um castelo de cartas. Mamãe dizia que era implicância minha, que, aliás, fazia até bem que os levasse, ocupavam muito espaço. Com a morte de mamãe, fechei minhas portas. Acreditaram que eu também tivesse ido. Mas não fui. Lousa. Caderno. Giz. As crianças. Voltei a dar aulas. Lembro-me do dia em que Maria do Carmo foi embora para uma vida de sucesso, muito estudo e aplicação na cidade. Eu olhava pela janela o automóvel partindo. Foi assim também no dia em que ela voltou, quase oito anos depois: eu olhava

pela janela o automóvel chegando, ela com um filho, um contrato de professora e um casamento fracassado. Porém, com exatos dois dias de sua chegada, bateram em minha porta às seis da manhã.

Abri.

Ela riu.

Como não rir de um gordo com olhos remelentos, careca e de cueca samba canção? Ela: linda, os cabelos negros, a boca pequena, o corpo magro, enfim tudo que o tempo havia destruindo em mim.

— Vim casar com você.

— O quê?

— Vim casar com você, repetiu.

—Você está pior que conto fantástico, Maria.

Esfreguei os olhos. Ela tinha me acordado entre o sono e a ressaca. Entre o que não é real e o real. Entre a dor e a Literatura. No limiar da loucura. Havia chegado a hora.

— Vim casar com você.

Para uma alucinação, ela me parecia bastante disposta. Contaria minha identidade secreta? Minha cruel identidade secreta? Talvez fizesse como as outras que esperavam de mim algo que não sou.

— É que tem um problema, Maria.

— Fale...

— Sou contista.

Sempre fui poeta para conquistar mulheres, mas contista para perdê-las. A poesia só durava em mim uma paixão. Afinal, quem lê contos? O que eu não sabia era que seu autor preferido era Edgar Allan Poe. Enquanto Maria do Carmo, olhos fixos à tela do computador, espero o veredicto. Seja Feliz? Seria isso?

(CARMINA)

Passaram-se alguns meses e aquela impressão de que o amor era uma doença não havia passado. Era labirinto com cheiro de éter e paredes de azulejo branco. O amor era perder todas as oportunidades, inclusive, a do novo amor: ah, esse aqui? É meu marido... (tarde demais: agora aquele outro vivia com uma ruiva lindíssima, filhos e fotos em países exóticos durante as férias). Pequei muitas vezes com pensamentos e palavras, atos e omissão, por minha culpa, minha tão grande culpa vou te dar o meu cartão. Ele ligou. Assim conheci Marco Santiago. Um novo restaurante. Um novo vinho. Novas piadas. É burro o amor que trai á noite. Amor que dura para sempre uns 56 anos, trai ao meio dia. Marco Santiago, profissional liberal, mas eu sabia, era dono daquela lojinha de computadores que estava na malha fina. No entanto, hoje era “Marco Santiago, o empresário”. Era meu dia de madame Bovary. Calcinha apertada. Risos. Ironicamente o encontro era vizinho à Receita Federal. Músicas em comum. Livros em comum, menos os de autoajuda (escrúpulos de professora). Era um homem simples. Eu também queria ser simples.

— Que você faz?

—Sou professora

—Então, vou me comportar bem.

—Isso seria imperdoável.

—Você ensina o que?

—Literatura.

—Mesmo?

—Mesmo.

—Amanhã vou lançar um livro — ele estava radiante com a descoberta — espere um instante, vou pegá-lo no carro e um convite para o coquetel.

—Claro, ri sem riso, claro.

O tal livro era de dar inveja às publicações da universidade, trabalho gráfico de primeira, cheirando a papel de boa qualidade, capa vermelha e título feminino: *Carmina*, uma heroína com potencial. Hoje em dia até o Marco Santiago edita um livro! Que potencial ele poderia dar a alguém? O certo é que eu tinha que agradar meu futuro amante que escreve. Então era isso: o romance não era tão medíocre, apesar de linear e trágico. Uma “heroína com potencial”.

Saí do restaurante com sensação de ter sido observada durante o almoço. Sei que os traidores nunca tiveram um *happy end*. Mas fui enviada: queria me salvar do tédio.

Logo à noite, no lançamento, fiz elogios ao escritor, fiz também observações, em questão de sexo, os jargões acadêmicos são muito sedutores. Eu disse que ele levava a ficção muito a sério, que sua “heroína realmente tinha potencial” (que terminologia!): uma única, mimada, pequeno-burguesa, por que aquele final de boletim de ocorrência? Marco, arrogantemente, me sorriu um sorriso humilde, diferente, esquisito. Nunca tinha me sentido tão estranha. Uma sensação de solidão que se quebra como vidro pelos cômodos da casa. Acho que não tenho mais com quem conversar. Acho, pois não “amo” mais, assim, como se eu tivesse que me deixar a cada dialogo nas mãos do meu interlocutor. Não me lembro de uma citação, não me lembro mais das frases, da literatura, dos poemas, dessas coisas que me faziam pensar que eu “amava”. Da ultima vez em que eu me disse para “amar”, li um livro tão ruim: *Carmina*. Minha vida está esperando em casa.

Desci do taxi faltando muitos quarteirões para meu destino. Que destino...

—Pare aqui! Pare aqui!

—Aqui não é nada, senhora.

Choveria?

Caíram pingos. Andei na chuva, não tinha nada a perder. Não havia mais coquetel, nem Marco Santiago. Por que li aquele livro tão imprestável? Eu passava de preto entre os carros, sem nada a perder, andando na chuva. Minha mãe e minha avó

acreditavam que meus sonhos podiam ver o futuro. Sonhei que queria um amante e como revelação, nunca quis um. Passaram-se alguns minutos e a impressão de que o amor era uma doença havia desaparecido. Sinto inveja. De quem? Tudo é vaidade, dizia o Eclasiastes, até mesmo o tempo de amar, se eu posso sonhar, que Eu exista. Que Madame Bovary Exista. Que todas as personagens existam. Que todas sejam livres!

Um raio.

O diabo está me ouvindo?

Risos.

O diabo não existe.

Uma grande obra ou um destino humano, perguntava mefistofelicamente o apresentador de TV. Alguns escritores não merecem as personagens que têm. O que aconteceria a Desdêmona se Otelo a perdoasse? Carmina era eu: um fracasso. Uma grande obra ou um destino humano? Minha mãe dizia: a vida, minha filha, é uma grande bobagem. Sim, mamãe, a vida é uma grande bobagem.

No dia seguinte fui novamente almoçar com Marco, desta vez para pedir desculpas e sumir. No entanto, Marco parecia mais velho, como se lhe tivessem passado os anos de ontem para hoje, roto, jogado na sarjeta. Falava com a garrulhice de quem buscava, forçosamente, as lembranças. Estava totalmente embriagado. Disse-me que nunca esquecera meu olhar daquela noite, minhas observações sobre o cruel destino de Carmina. Sabotagem. Repetiu três vezes. Conheci escritores cuja personagens, à medida que o livro avançava, ganhavam vida, seguiam sozinhas. Mas naquele caso, a história era finita. A minha e de Marco. Que não queria mais. Marco estava bêbado às 13:30. Delirava. Disse que depois do coquetel encontrara Carmina no carro. O real tocava o maravilhoso. Dialogaram:

—O que você está fazendo aqui? Perguntara à mulher que estava no volante.

—Vim te provar que ainda há vida depois de um "acho que as nossas distâncias deixam-me não querendo ser mais do que já somos".

—Quê? - Marco sentia-se confuso, não pela situação estranhíssima, mas pelo decote: Que decote, que decote! Que pernas! Que peitos!

—Marquito, estou livre e vinha atrás de meu *happy end*.

—Saia do meu carro!

—Eu não. Aliás, quem dirige sou eu.

—E para onde vamos, madame? — Eu também havia tomado ar de cinismo.

—Não sei.

—Não sabe, é?

—Não. Quem escreve é o outro e bem melhor que você, Marquito.

—Outro quem?

—O narrador é onisciente, bobinho. Sabe, é meio kafkiano te dizer isso, querido, mas você está preso.

— ?

—Essa história não tem fim.

Depois de ouvir tanta alucinação, voltei para casa. Alucinações cansam, dormi no sofá. Mas, vez por outra, os sonhos me veem a morte. Eu não vejo os sonhos. Quase perdi a hora de voltar para o trabalho. A vida, dizia minha mãe, é uma grande bobagem. Anoiteceu. Observo o meu marido. Por enquanto, ainda escuto, mas já estou indo para longe, vou para onde está Carmina, onde ficou o Marco Santiago, vou atrás de nossas habituais colheradas de sopa, vou para uma vida que ele, meu marido, não sabe e que não aconteceu. A felicidade depende de esforço. Vou para longe e Caio:

—Sabe aquele gaúcho da loja de informática?

—O que houve com ele? Tremi.

—Morreu.

Decidiram que meu "novo amor" morreria às 14: 30.

—Ele foi almoçar com uma mulher, depois o assassinaram. A polícia está atrás. Parece que ela chegou ao restaurante vendo sem querer ser vista. É o poder das câmeras. Os olhos que nos olham sem sabermos. George Orwell profetizou.

Depois do almoço com Marco, voltei para casa. E agora, após meus vespertinos sonhos intranquilos, depois de uma sala de aula, tomando minha sopa, descubro que Marco fora assassinado. A mulher das câmeras era eu certamente, mas as mãos do gatilho não eram minhas. Não me preocupo. Não avançamos. Éramos bons amigos. Essa tarde, acho que sonhei com Carmina. Sonhei que ela me sonhava e, como diria o

poeta, não havia intimidade maior que a do sonho. Do modo como Marco estava alcoolizado, só podia ter sido *ela* quem o matou. Que delírio! Talvez aquele raio de ontem à noite tenha libertado Carmina. Enigma Roseano: o diabo existe ou não existe? Ri: a vida é uma bobagem. Como era ser infantil de vez em quando!

— Mas a coitada da mulher está perdida. — disse meu marido.

— Eu a conhecia — autobiografei — se chamava Carmina. Ela passou a vida inteira tentando fugir dos finais trágicos, mas nunca soube como se escrever.

— Se eu não fosse poeta, diria que você está estranha hoje.

— Mas por que mesmo você disse que ela está perdida?

— Esqueceu o celular sobre a mesa.

— Meu celular!

— É meio kafkiano te dizer isso, querida, mas você está presa: essa história não tem fim.

— Quem é você? Onde está meu marido

— Adivinha, você é tão inteligente...

O Quarto

Há muita luz. O quarto é simples. O guarda-roupa é pequeno e branco, a cama também, a mesa de cabeceira tem quase 22 anos e a escrivaninha era do meu avô. Algumas imagens de santo São Francisco, principalmente. A vitrola sobre a cadeira. O gato sobre a cama. Um caderno de quando eu tinha 13 anos. Assusto-me, centenas do que fui dentro de gavetas, entre fotos e papéis. Assim é a casa paterna.

Holometábulo

Homolimetábulo: “... divisão de insetos pterigotos cuja metamorfose se processa de forma integral, apresentando as fases de larvas, pupa e imago bem diferenciadas..”.

(Dic. Houaiss da Língua Portuguesa)

Desço do ônibus, compro o jornal. As notícias lidas durante a noite ficando velhas para o resto do país, não me importo, tenho que ter “espírito de índio” e absorvê-las. Ter a ótica de um índio é distinguir a natureza, caçá-la, vivê-la, criar as horas e, principalmente, proteger-me.

É meu último ano de escola. Nas mãos, apenas um caderno e uma caneta, o retorno ao pó. Presumem que eu tenha assimilado todo o conteúdo dos anos passados: os três volumes do Dr. Feltre, a gramática do Celso Cunha, a biologia do Dr. Amabis, os questionários da Revolução Francesa. Confesso que os carreguei, minha escoliose garante, mas, no fim a nota do mês... quem se importa? No mais, apesar das minhas limitações (farda, “coturnos”, registros de desempenho), aprendi a ser sociável, a concordar, a sorrir domesticadamente, a cantar o Hino Nacional em época de jogos, a ficar feliz no carnaval e a fazer jaculatórias ecologistas em salas de ar-condicionado. Sinto que, em breve, farei parte da população economicamente ativa.

Último ano de escola, diáspora... Levo para casa um caderno e uma caneta. Confundo-me com o resto das criaturas, calça jeans, sandálias, óculos, batom, finalmente meu rosto de mulher. Dou “boa noite” ao porteiro, sinto angústia pelas cartas que não chegam, acendo a luz do apartamento, meus pais estão trabalhando numa terra distante. Enquanto a comida esquenta, detenho-me nas notícias.

Janto, tomo banho, faço café e me abrigo madrugada adentro. Morfema, epzeuxe, biomassa, rendimento, polinômio... Sei que há outras cidades além dessa... Há

um escritor chamado Goethe, Nabokov, Baudelaire, Kafka, Dante... Há um lugar chamado Bersabéia, Fedora, Eutropia, Zirna, Isidora, as cidades invisíveis...

Existo. Estou além desse quarto. Sou o princípio.

O Homem Que C. Esperava

“Todas as histórias são
perseguidas pelo fantasma das
histórias que poderiam ter sido”.

Salman Rushdie

O homem que C. esperava pediria um expresso? Sim, pediria.

Eram tão insuspeitos que ninguém imaginaria que ela entrava no café às 16: 45, quase todos os dias, para vê-lo e saísse antes dele, embora o seguisse andando pelo lado contrário da rua. Também, quase todos os dias os pais de C. A esperavam na sala às 17: 15 quando ela entrava e dizia que tinha ido comprar qualquer coisa, mesmo que depois encontrasse no lixo da cozinha num guardanapo escrito: PARE DE ME SEGUIR, entregue a ela pelo garçom F. Às 16: 50. Na cama, as mãos postas e os olhos fechados. C. branca, branca, branca, retirava um outro guardanapo do bolso entregue a ela pelo garçom F. às 16: 50. Ria, pois a mentira, se lhe perguntassem, também era branca, branca, branca.

Subindo as escadas para o quarto mais barato do centro da cidade, C. Não estava entre as coisas mais deslocadas, havia também as xérox P&B de Van Gogh decorando uma parede sem importância. O homem que C. esperava abriu a porta. Sentaram-se na cama. Haveria um dia em que a desobediência, a loucura e os mitos obsessivos teriam sua vez.

E eu, que sempre os observei, saí de meu olhar distante e bato à porta. Eles nunca me viram antes, mas sempre estive ao lado deles recolhendo suas histórias, os olhos são muitos, não se sabe quantos, assustadores.

— Quem é? — perguntaram.

— Uma mulher — respondi.

La fora, Os pais de C. e o garçom F. chegavam. Escondo-me. São 12:45. Eu, como pessoa comum, já me esperam no trabalho. Desço as escadas, ainda os observo, mas quem me vê?

“...(teria de compreender tantas coisas desde que
comecei a jogar o jogo)
aquela esperança de uma convergência que
talvez me fosse dada
no reflexo de uma vidraça na janela...”.

Julio Cortázar

Segurei o telefone durante três dias para saber onde nos encontraríamos dessa vez. Mas, no terceiro dia, sem sinal algum, juntei todas as coisas dele numa caixa, depois as coloquei dentro do armário, mesmo lugar onde as outras esperaram antes. Desde a sua volta, há duas semanas, eu já esperava que as coisas ficassem quietas, mudas, sem explicações até desaparecerem novamente. Os olhos dele eram azuis sob as janelas dos edifícios, das repartições, das barbearias, dos cafés, das vitrines, das lojas. O dia se preparava para chover. Sigo com os pulsos intactos. Mas era o olho dele que me seguia. Cada carro. Cada sombra. Cada reflexo. Se me tocavam. Se me desculpavam. Se me sorriam. E eu gostava do jogo. Mudava de trajeto para senti-lo no maior número de lugares possíveis.

Passava duas, três, quatro horas num bar remontando as imagens, o meu tempo, eu me levantando dignamente da mesa, depois, de uma outra mesa, num espaço, num outro bar com aquela conversa adiada.

— Não quero mais jogar. — falei-lhe.

Caminho pelo centro da cidade. Entro um velho cinema. Não vejo o cartaz do filme. Não vejo o nome da sala. Também não percebi que estava sozinha no escuro. E o escuro permaneceu.

— O que você quer aqui? — perguntou a voz do lado mais sombrio.

— Eu estou chorando — respondi.

Acordei tonta, mal abria os olhos. Não sei quem me disse que me encontraram na rua com um tiro na cabeça e duas balas alojadas debaixo do braço, nas costelas eu acho, mas mesmo assim me levantei duas ou três vezes atrás de água e ainda pedi qualquer coisa doce para comer. Não sei quem me disse (eu mesma) que dessa forma, passei o resto da noite até 10:30 da manhã quando tomei um composto de bultibrometo de escopolamina com dipirona sódica de 250mg para a retirada do projétil, precisamente o da cabeça que incomodava mais. Bebi muito.

Ouçõ o ruído dos objetos se ordenarem na casa. Juntavam cacos de vidro, fechavam e abriam armários. Deixei o quarto (o meu quarto), fui à sala. Olhei o sol que se projetava na cerâmica naquela hora. Jogaram a garrafa de vidro fora, a taça quebrada, esconderam o livro com a dedicatória azul. Acenderam incenso. Lavaram minha roupa. Mas não apagaram, mesmo com a minha suposta bala na cabeça (segundo eu mesma), a frase da última noite: “Não se assuste, tarada é a humanidade”.

Caminho e meus pulsos estão intactos. Pego o ônibus. Cansada do jogo, mas eram os olhos dele que me seguia, assim como as coisas que esperavam no armário, quietas, mudas, sem explicações ate desaparecerem novamente.

Foi numa quinta-feira que me deparei com aquela mulher de pé entre as últimas estantes. Voltei à recepção desabalada e contei ao meu marido:

— Tem uma mulher folheando os livros da última sessão.

— A de literatura Baltusanesa?!

— Sim.

Eu sabia o tempo que ele gastava folheando aqueles livros sem compreender uma única palavra. Então ele correu.

— Não há ninguém — voltou pálido.

Morávamos em C. uma cidadezinha que vivia em torno de uma biblioteca, da “nossa biblioteca“, embora fosse pública. De todas as partes do mundo, nos chegavam pesquisadores atrás de registros das mais antigas civilizações, mesmo as ágrafas. Tínhamos do mais remoto papiro ao jornal de amanhã. No entanto, os outros habitantes nem se davam conta, não gostavam de ler. Nem sabia o que comemorávamos em 16 de junho¹. A felicidade para eles era participar, com a gordurosa culinária local, de eventos que, curiosamente, falavam de livros. Conheci meu marido exatamente no 16 de junho. Sentada na praça, lendo *Mulherzinhas*, o bibliófilo nunca me pareceu tão feio e tão velho. Casamos um ano depois e, em poucos meses, meu nome constava na folha de pagamento dos funcionários que, além de mim, eram o goês Malilane e o pequinês Miyagi, sobrevivente da Revolução Cultural Chinesa, e o resto era serviço terceirizado.

A caixa com os livros da última sessão chegou a C. com carimbo de Berna e uma dedicatória no mais íntimo francês, o que nos fazia supor que não eram raridades saqueadas de algum micropaís em guerra no Oriente Médio, enviadas por uma ONG. Porém, nos encontrávamos em nossa lua-de-mel no Quebec, na realização do XXIII

Congresso Internacional de Biblioteconomia do Canadá. Malilane, desesperado, do outro lado da ilha, nos soletravam o que havia por baixo do francês suíço: K-A-Y-W-A-B-A-W-T-W-Z-Y-A. O goês era um dos mais competentes filólogos que conhecíamos. Muitas vezes, me perguntei se a vida não lhe seria monótona, pois nem mesmo com as mulheres deixava a desejar, já que sendo indiano saberia, certamente, das velhas tradições do amor hindu, das conjunções insuspeitas entre o lingan e o yôni.

Imediatamente, meu marido e eu telefonamos à Biblioteca Nacional da Suíça para saber da diretoria, em outros termos, que diabo era aquilo:

— Non, ma chère, Littérature Baltusanese.

— Que? — perguntei — Littérature Baltusanese?

Aos poucos eu reconhecia a voz de Tânia Cátalo, aquela voz diluída, que sempre aparece em histórias dessa natureza, e que, de repente, passa da incompreensão à iluminação:

— A Literatura dos Kaywa, tribo da extinta Baltúsia.

Tânia era ex-mulher de meu marido. Fora nomeada diretora da Biblioteca Nacional da Suíça. Não sabíamos. Nem haveríamos de saber, pois ela e ele não se falavam, quer dizer, só trocavam algumas hostilidades de vez em quando. Pois bem: tratei dos trâmites. Aquilo era nosso presente de casamento. A caixa fora apreendida em Tel Aviv das mãos de um procurador traficante de tesouros arqueológicos. Mas por que Cátalo, muito gentil, resolveu nos presentear com algo aparentemente tão valioso?

Passaram-se alguns anos e ninguém, além de nós quatro, Malilane, Miyagi, meu marido e eu, sabia da existência da tribo dos Kaywa da extinta Baltúsia. Debruçamos-nos sobre pilhas de in-fólios. Fomos a congressos das mais inimagináveis línguas: o símblico, o etrusco, o icso, o cimério, e terminávamos exaustos em algum quarto de hotel. E o tempo passou quase imperceptível. Meu marido sempre gordo e velho com seus suspensórios vermelhos; Malilane, magro e rijo como uma árvore; Miyagi, na recusa de tratamento para sua cegueira proeminente; eu, em flor, era o contraste com a decadência dos três.

— Acho que o destino nos pregará uma peça, dizia Miyagi.

— Tenho certeza, suspirou o goês.

— Aposto que isso é um brinquedinho indecifrável daquela mulher! A literatura baltusanesa não quer dizer nada! — rosnou meu marido.

— Tudo que tenho a dizer é: “fosan et haec olim meminise juvabit”, um dia riremos dessas coisas — falei.

Meu marido nunca admitia o próprio alheamento em questões sutis, principalmente, se envolvia Tânia Cátalo, o que virava questão de honra. Meus três companheiros acreditavam que, naqueles livros, encontrariam o enigma mais banal da ciência: “de onde viemos?” Eu sinceramente, não acreditava. Durante sete dias, enquanto fazia a ronda entre as estantes, encontrei a mesma mulher, de pé, no mesmo local, com o mesmo livro aberto e, pelo que descobri, na mesma página. Exatamente. Fazia sete dias que a mulher vinha à biblioteca para ler a mesma página. De início, pensei que fosse a própria Tânia Cátalo rondando sua antiga presa, o meu pobre e bibliófilo marido, uma vez que eu só a conhecia por telefone. Fui perquirir na memória de Malilane e percebi, pela sua risada, quando o coloquei frente a frente com a pesquisadora anônima, que aquela jamais poderia ser Tânia Cátalo, pois Cátalo era anã. E eu que lhe dava a silhueta de uma diva do cinema francês! Pobre de mim, sofrendo as angústias femininas em vão!

Na hora do jantar, falei sobre minha descoberta:

— Tenho uma coisa curiosa a dizer: a mulher que sabe baltusanês vem todos os dias ler a página 12224 do volume 15, KauwaKaNi.

Estranhamente, não fizeram nenhuma expressão de surpresa. Mas, quando acordei na manhã seguinte, meu marido não estava na cama. Nem em parte alguma. De sua presença só ficaram as roupas, Assim como os outros objetos pessoais: os inseparáveis suspensórios, o cachimbo, a bengala, o chapéu. E, como era de se esperar em coisa dessa natureza, O livro também não amanheceu.

Apesar da “viuveis”, continuem fazendo a ronda entre as restantes. Malilane, Cada vez mais magro e rijo como uma árvore, dava-me a impressão de que ficaria para sempre plantado, ao meu lado, no chão de C. Miyagi, que, durante toda a vida esperou a cegueira, finalmente, a encontraram. E eu, não mais em flor, enquadrava-me triste E velha junto aos dois homens. Mas foi numa quinta-feira que me deparei novamente com aquela mulher de pé, naquele mesmo local, com o mesmo livro aberto na página 12224. Naquele instante, não tive a visão mágica, ou quase poética de um fantasma, pois fora por ela que nutri ódio durante todos esses anos, um ódio cego como dor de osso partido.

— Cadê meu marido?!

—?

— Fala, responde: o que você fez com ele?!

Por mais que eu assegurasse, eu só via meu reflexo de animal transtornado.

— Fala, cadela, fala!

Os sons que lhe saiam eram guturais como de um surdo-mudo. Deixou-me espancá-la sem nenhuma reação, sem se esgueirar, sem utilizar as mãos. Dez minutos depois, o nariz, a boca, o olho, tudo sangrava. Caí exausta. Chorei convulsivamente. Nunca esquecerei o conforto das pernas de Malilane naquele azulejo frio e a visão do corpo dela desacordado, sumindo, não me lembro mais por qual porta. E como era de se esperar em coisas dessa natureza, o livro que faltava, é claro, estava no chão, aberto na página 12224. Porém, nunca mais tive notícia de meu marido.

Foi no curso “Mulheres Escritoras” que a ouvir pela primeira vez: professora Sophia Alice. Antes disso, eu apenas sabia que ela sabia. Mas o quê? TUDO. Foram três encontros durante os sábados. Ela nos falou sobre Emily Brontë e Virgínia Woolf, porém, antes de expor sobre as autoras em questão d. Sophia Alice fez uma pequena introdução ao “quadro cultural entre o século XVIII e XIX do romance inglês”. Posso dizer que foram os três sábados mais bem vividos da minha vida. Eu me levantava às sete da manhã, pegava um ônibus e me sentir a pessoa mais feliz do mundo, por saber que Miss Dalloway decidira comprar, ela própria, as flores, e fora d. Sophia Alice quem me revelara isso na véspera.

O que mais impressionava em d. “Sopha”, perdoe-me pela intimidade, era a certeza de suas palavras e aquele seu olhar perdido, como se recordasse, enquanto nos explanado sobre *O Morro dos Ventos Uivantes*, seu passado remoto nas planícies de Yorkshire. Eu vislumbrava suporte aristocrático: o semblante plácido, o olhar esfíngico, as mãos cálidas, os cabelos sedosos, e foi então que percebi as fivelas. Sim, as fivelas! Meus caros, o que tenho a revelar é verdadeiramente assustador, peço aos fracos de espírito que, por favor, abandonem este relato antes que seja tarde demais, não quero me responsabilizar pela mazela de nenhum jovem Werther. Senhores, o reflexo daqueles dois objetos encandeou meus pensamentos e minha visão. Fiquei pasma, lívida, tive uma síncope. Os senhores não fazem idéia de que, abruptamente, os nossos caminhos, o meu e o de d. Sophia Alice, haviam se cruzado.

Durante toda minha infância, ouvi de meu tio paterno, um ex-agente do “Serviço Secreto Federal”, sobre sua frustrada missão de descobrir o paradeiro das jóias da Coroa Britânica. Durante anos ele me mostrou fotos da Rainha-mãe, com seu habitual copo de gim, ostentando aquelas fivelas no cabelo. Como eu não as reconheceria? Como eu não reconheceria quase instintivamente aqueles artefatos que fizeram e fazem parte do meu imaginário infarto-juvenil? Meu Deus, meu Deus, meu Deus, d. Sophia Alice e eu estávamos unidas por aquele segredo, eu agora fazia parte de

seu mundo! Era como se tivéssemos sido atadas pelo mesmo cordão umbilical. Febres, calafrios, alucinações povoaram meu domingo e minha segunda-feira. De repente, ao observar, sua “passagem entre fivelas”, senti uma força estranha se apoderar de mim e acometida por pensamentos mefistofélicos, coloquei um bilhete por baixo da porta do gabinete dela no Departamento de Literatura:

“SEI MAIS SOBRE VOCÊ QUE VOCÊ SOBRE MIM”.

Porém, tive o cuidado de escrever-lo em baltusanês antigo, juntando letra por letra do anexo de seu dossiê secreto, no qual constava que ela fora catedrática dessa extinta língua em Oxford. Assim eu me certificaria de que nenhum seguidor de d. Sophia Alice viesse a saber que ela estava sendo ameaçada e também me certificaria de algumas coisas mais, por exemplo: sua passagem pelo Reino Unido, seu passado, até onde ela conhecia aquelas paragens... Por que, exatamente, quando a Rainha Elizabeth II esteve em sua primeira comitiva secreta aqui no Brasil à procura dessas jóias, em zero 4 de agosto de 1954, morreu misteriosamente Getúlio Vargas? E assim foi com Juscelino Kubistchek na segunda comitiva, Tancredo Neves na terceira, Ulisses Guimarães na quarta, Paulo César Farias na quinta. Sem contar com as comitivas que fez em outros países no mesmo ano, dia e mês das mortes de John Kennedy, John Lennon, Itzhak Robin? D. Sophia Alice estaria diretamente envolvida?

No sábado seguinte, meu velho tio Doyle (de Doyleildson Watson dos Santos) e eu fomos às “Mulheres Escritoras”.

Ao final da aula, nos aproximamos dela. Ela estava radiante, as fivelas reluzentes, o olhar perdido, aquela distração inglesa, uma dama da sociedade.

— Professora Sophia Alice?

— Sim, sou eu.

— Meu nome é...

Será que meu tio iria dizer a “ofensa” que era o nome dele?

— Bom, me chamo detetive Doyle... E estou há anos encarregado de descobrir o paradeiro das jóias da Coroa Britânica...

O silêncio que se conseguiu fora decisivo, ela se sentou placidamente em uma cadeira para se recuperar do susto e propôs que fôssemos todos juntos ao café. Embora não fosse cinco horas, ela pediu um chá, nós a acompanhamos. Então ela começou a discorrer:

— Na verdade, eu sabia que esse dia estava próximo, não se pode esconder uma coisa dessas por muito tempo. Senti, principalmente, por causa daquele bilhete escrito em baltusanês antigo, que era chegada a hora. A verdade é que Elizabeth II É uma farsa.

— O quê?!

— Sim, uma farsa.

— Oh!!!

— Ela sempre sentiu inveja de mim. Inveja pelos meus atributos físicos e, principalmente, pelos meus dotes intelectuais. Aonde quer que eu fosse ela me perseguia, a ponto de me fazer optar pelo exílio.

— Mas, E as fivelas?

— A rainha-mãe, em seus momentos de sobriedade, sempre preferiu a mim, uma vez que para suportar Beth só mesmo bebendo muito.

— Oh! — exclamou meu tio.

— Essas fivelas foram presentes da rainha-mãe, é isso? Perguntei.

— Sim, são minhas. Elizabeth II Nunca esteve atrás delas, mas atrás de mim, no meu encaço, pois, através dessas fivelas, ela me encontraria, só existem essas em todo o mundo.

— E os assassinatos? — perguntou meu tio Doyle.

— Mera coincidência, meus caros, ou não. O que sei é que eu não tenho absolutamente nada a ver com eles.

— Afinal, qual sua ligação com a rainha Elizabeth? — tio Doyle estava verdadeiramente enternecido por ela, dona “Sophia”.

— É, uma longa história, sabia apenas que temos o mesmo sangue azul.

— E o que digo ao príncipe Charles?

Ela deu seu meio sorriso e disse:

— Aquele rapaz, com o passar do tempo, continuará sem ser “Príncipe“, que dirá “Rei”.

Era o fim do curso. Era o fim do mistério das jóias da Coroa. Era o início de uma veneração sem limites. Meu pobre tio, antes de falecer, pediu-me que fosse às planícies de Yorkshire, o único lugar do mundo onde a leve brisa sopra em nossos umbrais: Sophia Alice e nada mais.

Escrevia e Apagava

Escrevia e apagava. Escrevia e apagava e, de vez em quando, dava uma olhada em volta para ver se alguém percebia que ela só “escrevia e apagava”. Detestava a si por se achar expressiva, não conseguia disfarçar, nem fingir, se a olhassem diriam: “uma ruiva entediada”. Ora, mas que inferno! Inferno por vários motivos. Estariam rindo dela e odiava isso. Riam, porque não era ruiva. As pessoas sempre faziam piadas a respeito das mulheres que tingiam os cabelos. Inferno era envelhecer, era o tempo e mais inferno ainda era esperar seu marido trazer o material que ela havia esquecido sobre a mesa pra dar aula daqui a pouco. Ele não chegava, ele nunca chegava, mesmo antes de serem casados ele nunca chegava.

No pátio, via os alunos piscarem felizes. Ela, escrevendo e apagando: “Gerlane”. Durante algum tempo, isso se constituiu num problema: Gerlane (loura dirigida e secretária, miseravelmente secretária). Foi quando se viu como as personagens de seus (escrevia para uma revista feminina): bonita, inteligente, com “marido & Gerlane”. Mas, ao contrário desses personagens, ignorou. Mentira. Na realidade, houve um acordo entre ambos: ela nada comentava, ele fazia o papel de não se expor. Mas o ódio fervilhava impientemente nela. Dizia frases curtas, o extremo, o necessário. O doutorado. O Pós doutorado. As colunas sociais. Era a melhor. E começou a ser mais bonita que Gerlane. Ria. Tinha as pernas mais sensuais do mundo, a boca, os peitos. Queria ser possuída várias vezes na noite e acordava. Havia agora um problema para as demais mulheres, pois existiam duas “Gerlanes”, ela e a outra. A revista para qual escrevia adorava sua voz feminina, liberal. Fez a moda. E já se imaginava como aquela personagem de Clarice Lispector: “Doutor, tenho 81 anos e ainda gozo”. Mas isso não aconteceu, Gerlane se foi, e ela se aposentaria da universidade daqui uns dois anos e seu lazer com o marido era trocar as incandescentes por causa do racionamento de energia.

— Desculpe, eu demorei porque deu no jornal o aumento da gasolina, aí abasteci logo...

- Sei. Não tem problema. Não se esqueça de pegar a menina no trabalho. E o Emílio me pediu para pedir a você o carro no sábado.
- Ele deu a volta, andar de quem se sabe, ainda era bonita. No banco do carro, o papel, o que ela “escrevia e apagava”, deixou cair.

Na sala de repartição, olhava os colegas bastante atarefados. Processos e processos! Ainda não fazia um mês que trabalhava ali, mas já sentia o quanto era, ou pelo menos, pareciam ser importantes os serviços da repartição. Mas ela estava lá, como um sonho. Invisível. Porque já fazia algumas semanas que trabalhava, mas não sabia direito qual sua função. E, quando o marido, à noite, perguntava se estava cansada sentia-se constrangida em dizer que não. Aquilo lhe ocupava as tardes. Era como um espaço vazio de quem não viveu nada ou não viu o tempo passar. Começou a ler. Primeiro comprou os romances policiais na banca da esquina, depois os grandes mestres da literatura local, depois da nacional e, por fim, da Universal. Engendrou pela Filosofia, pela Astronomia, pela Física e também no estudo de línguas exóticas. Aquele lugar era um objeto perdido, esquecido. Os funcionários eram cobertos por uma pele grossa e gasto como plástico de brinquedo velho. E o mar batia nas muradas do edifício tornava as tardes mais vagarosas e infinitas como a paisagem de um barco fixado na parede de um consultório médico. Um dia, fora interrompida em meio aos seus estudos de baltusanês.

— O diretor quer falar com a senhora.

Ela conseguiu. Andaram labiríntica mente até a diretoria. Acho que não saberia retornar sozinha. Dentro do gabinete, ao invés dos grandes arquivos e pilhas e pilhas de processo que tomavam toda a repartição até mesmo no banheiro, havia uma belíssima cama estilo colonial com travesseiro de plumas e um homem de meia idade, trajando camisolões do séc. XIX, apontou em sua direção:

— Sente-se.

Sentar-se não era uma sugestão, mas uma sentença irrecusável e sem volta. Como um livro mal escrito ou um pressentimento preciso, ela já sabia a que fora convocada.

— A senhora foi promovida.

Já havia fechado a porta da sala e decido a garagem quando percebeu que as chaves do carro haviam ficado em cima da mesa.

— Merda!

O celular chamou.

— Merda!

Na Secretaria, estavam organizando uma festa graças a sua promoção. Jurou que, quando chegasse à casa, contaria tudo ao marido e que, por nada no mundo, voltaria a trabalhar ali, por nada! Ele não sabia que o mar batendo na murada do edifício tornava os dias mais longos como a paisagem de um barco fixado na parede de um consultório médico! Seria difícil que ele aceitasse, porém não iria mais se submeter aquele mundo que ela abafou como um segredo, de tão inacreditável. Não se sabe ao certo, mas parece que preparava mais uma cama.

(A RESPOSTA DO GATO AO CONTISTA)

Nós andamos nas ruas, subimos nos ônibus, habitamos em casa de papelão, brinquedo de criança no quintal que se desmancha com a chuva, não nos tocamos. Gostaria de abraçá-los. Não nos tocamos. Gostaria de beijar. Vou com meu batom bege e um homem me observa. Minha aliança o atrai. Sorrio. Saí para comprar a ração do gato.

— Nome: Catharine Gerbault

— Nacionalidade?

— Acho que francesa.

— Estado civil?

— Eu moro com um gato siamês.

— Você mente muito Catherine.

— Também acho, mas se eu me chamar Paskalle Tzvetaéva e for polonesa, vai alterar alguma coisa? Estou tentando ser interessante.

Numa noite, sonhei que alguém entraria em nossa casa e nos metralharia, a mim e ao meu marido. Vingança. Vingança porque estamos com medo da cidade, então a cidade entra dentro de nossas casas. Também sonhei que fui espatifada por um automóvel. É assim, de vez em quando, brinco com a morte. O homem ao lado, não me tira os olhos, sente atração por minha aliança. Sua boca saliva. Ah, senhores, esqueçam o automóvel, serei estrangulada. O homem tenta conversar comigo, porque passam muitos cachorros. Disse-me que não gostava de bichos, mas quando lhe falei do meu gato siamês, fez-se tolerante aos gatos siameses. É hora de nos falarmos.

Como sofro. Como sofro. Acredita que estou fugindo de casa, o meu marido...

A mulher dele era parálitica.

— Nome?

— Paskalle Tzvetaiéva.

— Nacionalidade?

— Polonesa.

— Estado Civil?

— Quando meu pai saiu da Polônia, eu tinha 3 anos, desembarcamos em São Paulo. Minha tia Bronia era casada com um brasileiro. Estudei Filosofia.

— Você é professora de Filosofia?

— Você é que é um idiota pra acreditar que me chamo Paskalle...

Nós, que andamos nas ruas, que subimos nos ônibus, que temos uma família, sempre voltamos, Saí, porque a ração do gato havia acabado e fiz bem não avisar minhas intenções perversas de viver além dessas cuecas esquecidas no banheiro. Ele nem notou que eu voltei tarde. Nem imaginou que eu poderia ter conversado com alguém. O homem era amigo de um amigo do meu marido. Disse que tinha uma “mulher parálitica”, mas que importa, eu também não estava fugindo de casa. Filosofia: que triste é a vida...

Como uma galinha de domingo, serei resposta.

— Nome?

— Vânia.

— De quê?

— Da Silva mesmo.

— Sabia que, quando passo a noite fora, meu gato me recebe com mordidas? Ele fica doidinho de ciúmes, mas nunca reclamou, sabe o que eu faço por aí a noite, assim como ele faz com as gatas velhas. Somos iguais: eu e ele.

— Sabe, você não se parece com meu gato.

— Como?

— Porque você é mesmo igual às gatas velhas que ele procura.

— Bichano.

Estranho, mas previsível para mim ou para qualquer outro que estivesse a par da situação. Ninguém estava. Muito menos aquele contista. O homem era contista, amigo de um amigo. Mas não foi culpa minha, quem não deixa o jornal sobre a mesa? Agora era tarde, já havia lido como também haviam escrito:

“C. gostava de ler Mann, Machado, Bandeira, Baudelaire, Schopenhauer, Cervantes, Sartre, Epicuro e, por incrível que pareça, até Nabokov”².

Todos eles estão comigo aqui na sala e já não me dizem muito. Foi apenas a gentileza de um contista que escreveu no jornal suposições, suposições.

“A família de C. era composta por um siamês que desfrutava de suas confidências, de seus sentimentos mais íntimos”.

Quando me sentei ao lado daquele homem no ônibus, “conversamos”, me fez elogios, e agora um conto no jornal. Pensava em mim. Mas será que ele não sabe que nessa cidade ninguém se conhece? Ah, eu gostei do contista, uma noite eu gostei do contista.

“Quem seria o seu boto? Um sertanejo rude daqueles tirados da imaginação de Guimarães Rosa, um intelectual, um poeta, um amálgama de todos eles? Aquele gato, de certa forma, não representaria o boto, confundindo-se em homem? Eis que dormia em sua cama...”

Espero. Se eu ainda estiver o jornal, faria minha vingança, no entanto, espero que me chegue alguém em casa. Mas acho que farei por muito tempo.

— Bichano?

Tenho que sair, tentar alcançá-lo, estava transtornado. Saltou a janela. Rompera os cabos do computador, rasgara os livros. Foi quando percebi: o conto, precisamente, o contista. Ele havia lido: o meu gato. Ah, uma atitude. Como mulher eu tinha um gato. E eu não via o amor dentro de minha casa. Ninguém vê.

“Roçava em suas pernas, sentia seu cheiro e reclamava com as patas, unhando a porta do reservado, quando C. passava mais que o necessário fazendo sua higiene pessoal”.

Dizia o manual que os siameses eram imprevisíveis, ciumentos e antipáticos.

“O gato parecia sentir-se como aquele personagem kafkiano que não conseguia adentrar o castelo, com a diferença da rebeldia demonstrada pelo felino, porém o interior de C. não tinha nenhuma abertura que pudesse deixar entrever algo no sentido da vida, muito menos sobre o amor”.

Corri.

“um felino interessado nas carícias de uma gata quase tão bicho quanto ele. Via-o homem: no roçar objetivo, no olhar penetrante, nas artimanhas masculinas de posse”.

Estranho, mas extremamente previsível para mim ou para qualquer outro que estivesse a par da situação. Ninguém estava.

“Adorava os poetas que falassem fundo em seu ser por verso compostos como flores escassas. Declamava baixinho para o gato versos de amor e ambos se entendiam no silêncio de todas as horas, nos ventos calmos, numa cumplicidade quase animal e poética”.

Sigo. A rua. Cacos. A casa. A luz. A porta arrombada. Sala. Corredor. Escritório. O homem.

Ele, finalmente, encontrara o contista.

—Miau...

— Não sei como você gosta desse tipo de mulher, todo mundo sabe como é Gerlane. Você deve estar encantado com as “coisas” que ela faz.

— ...

— Está bem, mudando de assunto, ontem vi tua mulher aqui no ônibus conversando com um amigo metido a contista.

— Qual?

— Que adianta o nome, você só lembra o da Gerlane.

— Sabe de uma coisa, acho que você é quem está louco pra saber da Gerlane. Aliás, você não passaria um dia casado com a minha mulher e, principalmente, tendo que aturar aquele gato psicopata que ela tem.

— Bichaninho, o que você acharia de morar na Casa dos Espelhos. Será que lhe dariam leite lá? Heim?

Crônica Do 2º Andar

Coloquei o ouvido no chão para escutar os passos dela. Acho que ela não andava, não tinha televisão, não ouvia música, não tinha amigos. Talvez não more ninguém no andar de baixo. Talvez a mulher que eu vi pela manhã estivesse interessada em comprar o apartamento 103 ou tinha ido aquele jazigo onde talvez morava um velho que passava o dia na cama esperando por ela. Moro nos fundos. No bloco dos fundos. Apartamento 203. Enquanto os da frente vêm a rua, os carros, o luxo, eu vejo os varais, as calcinhas, as fraldas, o lixo, as estantes abandonadas, os catálogos empilhados, os livros que serviam ou nunca serviam, enfim, a vergonha que não se mostra pela frente. Pior que, morar nos fundos, é morar no primeiro andar dos fundos, no 103, porque eu ainda vejo os telhados, os restos dos faróis que correm nas ruas. Acho que o mundo do primeiro andar é de um cego, tapado por esse muro verde, limitado dos meus passos, dos pneus ou de algum grito de socorro na madrugada. Aos dezesseis anos a gente nunca sabe direito dos sentimentos. Vergonha, saudade, tristeza para sempre, amor para sempre. Dá uma confusão. Sei que não vou enlouquecer e que tudo passa como a minha infância, como meu corpo. Talvez me doam todos os sentimentos de uma vez só. Talvez, me quebrem os ossos cada vez que sinta algo. A vizinha de baixo usava um vestido verde, uma bolsa preta, quando saiu pela manhã, tinha os cabelos curtos, escuros, os olhos também eram escuros e a pele era branca. Ela era a mulher mais branca do mundo. Branca, branca, branca, branca, branca e o batom vermelho. Depois não a vi mais. Nem na janela, nem pelos corredores, em lugar algum. Ela foi um leve ruído nas escadas que se prolongava por 15 segundos, ou 30, ou 1 minuto às 15:00 horas. Abro a porta. Daqui a pouco desço as escadas. Não vou a lugar nenhum. Finjo que não a procuro.

A Menina Que Tinha Gatos Dentro De Si

A morte da menina que tinha gatos dentro de si acabou com as fronteiras entre aquilo que vejo, ouço e sinto e aquilo que eu julgava que ninguém jamais alcançaria, muito menos, uma menina. De meu apartamento vejo seu corpo no asfalto, enquanto as luzes tristes da policia rondam pelo bairro.

Ela nasceu próxima ao meu segundo filho, lembro-me dela ronronando no colo da mãe. A mãe, uma mulher de perfil sério e de olhos bem claros. Cruzávamo-nos várias vezes no elevador, mas foi somente quando nossos filhos tinham quatro anos que a senhora de perfil sério veio falar comigo:

- Não entendi, mas a professora disse que minha filha gatos dentro de si.
- Não, eu também não — respondi com meio sorriso.

Era uma criança normal, de feições absolutamente normais, os olhos bem pretos, os cabelos crespos e nigérrimos. Foi quando ela percebeu que eu procurava na menina a “anomalia” que justificasse o comentário e percebeu também que eu me espantava com os traços dispares as duas.

- Puxou ao pai.

Tive meu terceiro filho e nessa época meu cunhado veio morar conosco. Minha casa se tornou eminentemente masculina, desengonçada, como meninos que vão crescendo e que, realmente, cresciam, ali, entre carrinhos, bola de futebol, jogos eletrônicos, revistas de automóveis. Mas, mesmo assim, a menina que tinha gatos dentro de si saía de seu apartamento cor-de-rosa onde só ela e a mãe moravam, entre sapatilhas de balé e música clássica, e metia os olhos na minha fechadura. Deixava-a entrar. Parava no colo de um, grunhia, escapulia, voltava.

Eu ficava na sala corrigindo as provas da universidade, de repente, ela, parada, diante de mim, mal eu tornava a olhar e a casa já estava silenciosamente morta. Num desses dias, tive um pressentimento: bati à porta do quarto de meu filho mais velho. Ele abriu, riu, olhei, olhei, ele riu.

- Falava com quem?

— Ninguém, ora.

Houve uma outra vez em que tive o mesmo pressentimento, mas com meu marido. Entrei no quarto: ele, na cama, corrigindo as avaliações, uma xícara de café sobre a colcha:

— Algum problema?

— Não, nada... Falava com quem?

— Ninguém.

— Acho que estou ficando louca.

Havia algo errado sim, procurei em todos os cômodos da casa, mas nem um quadro torto, nem uma almofada fora do lugar, nem um papel fora do cesto, nem uma roupa suja no sofá ou toalha molhada na cama...

Mas um dia, à mesa, ao vê-la passar a alface, descobri que aqueles instantes gelidamente silenciosos eram os gatos que haviam dentro dela, porque quando a gente vive e vai vivendo uma casa, os filhos, o trabalho, esquece que existe alguém soltando gatos traiçoeiros e invisíveis dentro de sua família, entidade também congelada na memória.

— Você tem quantos anos mesmo?

— Vou fazer quatorze.

Claro, meu filho mais velho já tinha dezoito anos, o segundo quatorze, o terceiro, dez e eu e meu marido tínhamos quarenta e dois. Por que eu não pensei nisso antes? Na mesma noite, depois que ela saiu, chamei meus filhos e um amigo de curso de meu filho que se hospedara conosco.

— Olhem bem para mim: EU NÃO QUERO MAIS VOCÊS NO QUARTO COM ELA, entenderam? ELA, a partir de hoje, entrará nessa casa e da sala não passará.

Vendo-a pela janela, no asfalto, pela primeira vez pareceu-me uma “menina”, porque nem mesmo quando nos encontramos no elevador ela, criança, ao lado da mãe, já não me parecia mais “menina” e se a chamei assim outras vezes é porque não tive como classificá-la. Os olhos claros da mãe, os cabelos louros da mãe e ela, parecida com um pai que talvez nunca tivesse conhecido, o cabelo preto, os olhos escuros e ao mesmo tempo tão cheios de reflexo, porém, agora, fechados. Os policiais. A ambulância. Os helicópteros. Os jornais.

Fui à praça. Sentei-me ao lado da mãe. Peguei-lhe as mãos, beijei-as. Choramos. Nessas horas faz um frio, um frio, um frio, um frio.

— Você viu o que aconteceu? — perguntou-me.

— não, meus filhos me deram a notícia, não vi nada...

— Para que tantos gatos dentro de si, não é?

Eu Vou Esquecer Você Em Paris

Eu sei que isso não se faz, que foi e responsabilidade minha, que é de cortar o coração, que eu planejei tudo. Comprei as passagens, tirei os passaportes. Olhe as fotos da viagem ficaram lindas! Não tem nada mais clichê que a Torre Eiffel, que é a Pirâmide do Louvre, que é a Gioconda, que o Quartier Latin. Mas, olhe, o que eu estava dizendo era isso, que ao mesmo tempo parecia ingratidão, Mas o meu irmão não presta, ele jogou a mamãe para cima de mim, tudo porque sou a mais nova, a única filha mulher, porque as mulheres se entender melhor e blábláblá. Mas algum de vocês já cuidou de uma senhora idosa? Eu digo, por experiência, embora eu não tenha filhos, eu criei meus sobrinhos, dá muito mais trabalho. Sim, criei meus sobrinhos, meu irmão me obrigou a isso, porque eu não trabalhava, só cuidava da mamãe e a casa virou uma creche. Imagine! Tudo para economizar. Economizar para que? Para ele, O dinheiro dele. Depois que os meninos cresceram, então o meu irmão disse que a casa estava grande demais pra nós duas e que economizaríamos se comprássemos uma menor. A mamãe pobrezinha, nem atendeu, nem eu também, assinou, aceitou, fomos morar num moquifozinho de quinta categoria, quarto e sala, cheio de mosquitos, quente, que até doença de terceiro mundo tinha lá: tuberculose, onde é que já se viu alguém morrer de tuberculose ainda hoje? Tinha um vizinho doente. Pedi pra sair de lá, mas meu irmão disse que aquilo era uma provação divina e já que eu tinha curso de enfermagem, que eu cuidasse do pobre doente, porque Deus nunca fazia nada em vão. Cuidei, escapou. Nós também. O pior foi quando a feira não chegou mais, foi a gota. Meu irmão não presta! Peguei mamãe, as malas, as coisas de valor escondidas. Eu sei que esse tempo inteiro ele procurava por elas. Sabe, um par de abotoadoras de ouro, um colar de brilhantes e uns anéis, papai era militar, entendia bem disso e ele também, mas eu me fiz de senil, escondi-as para uma necessidade maior: minha LIBERDADE. Comprei as passagens. Fomos à Paris. Tiramos as fotos. E me vinguei. Sim, a vingança foi esquecê-la em Paris: primeiro no aeroporto, ou foi no metrô? Não, primeiro foi no metrô e um francês veio devolvê-la, depois foi no aeroporto, não tive pena, ela lá, pobrezinha... Chorei... Chorei...

Eu olhava da janela e ela lá a mala com as jóias dentro. Foi como se eu me livrasse dele, do meu irmão, como se eu o deixasse sozinho, ainda criança, numa rua deserta e desconhecida, como se eu o esquecesse para sempre em Paris.

E EM OUTRAS CIDADES

Para fora deste mundo não podemos cair.

Christian Dietrich Grabbe

“Não há memória para aqueles a quem nada pertence”.

(Ecléa Bosi)

Sentou-se exausta no sofá e olhou para a irmã como se dissesse: “desisto”. Mas era o que realmente haveria de ser feito, desistir. O pai, Antonio Quijano, seria enterrado descalço. No entanto, na cidade vizinha, os sapatos que as filhas e a viúva procuravam ainda estavam na janela de Rosa Branca do Carmo, que não fazia a menor ideia de que os pés de Quijano precisavam deles. Era um par de sapatos sérios, de tons sóbrios, um típico exemplar da presença masculina que o pequeno quarto de Rosa Branca do Carmo nunca tivera, e ela explicava, serenamente, a quem perguntava: “quando cheguei, já estavam aí e aí os deixei”. O pior é que a dona da pensão também dizia o mesmo, ou seja, os sapatos de Antonio Quijano não tinham memória.

Porém, devido à gravidade do assunto, com o advento do automóvel e do telefone, o resto ainda estaria por vir, fizeram a filha mais nova bater, naquela mesma noite, à porta da estudante:

— Vim buscar os sapatos de meu pai. Devolva-os

Fechou a porta na cara da filha mais nova. Ao voltar, estava com o par de sapatos nas mãos, transfigurada na mulher mais bonita da cidade. Quantas noites não sonhara escolhendo peça por peça da roupa, cada dobra da saia, o laço da blusa, a lingerie, as cores da maquiagem, o cheiro do perfume para encontrar ele, o dono do par de sapatos sérios de tons sóbrios?!

Rosa Branca do Carmo chorou, ininterruptamente, 18km. Era mais nova que a filha mais nova, fazia o último ano no colégio de freiras onde era soprano no Coral da Virgem Poderosa, e escrevia, para pagar seu aluguel, contos eróticos sob o pseudônimo andrógino de C.C.

Antonio Quijano era um homem de um metro e oitenta e cinco, não era mais moço, mas também não aparentava a idade que tinha. Era o único varão da família. Perdera o pai ainda menino, fora criado pela mãe e pelas três irmãs, as quais, também como ele, que tinha quatro filhas, não geraram filhos homens e, mesmo fora do casamento, as amantes nunca lhe deram um filho. Conta-se que as filhas de suas filhas tiveram outras filhas, e essas geraram mais meninas, as mais belas mulheres, as quais se casaram com estrangeiros ricos e espalharam mais fêmeas pelo Ocidente e pelo Oriente. Ele mesmo contava que, por gostar demais de mulher, seu sangue era feminino e fresco, era quente e arredio, seu deitar era morno e manso. Assim, lhe nasciam mulheres aos montes e lhe chegavam mais para servi-lo.

Rosa Branca do Carmo, ao adentrar a casa, não sabia que encontraria Antonio Quijano coberto de flores e com as mãos postas. As outras mulheres se entreolharam sem saber de onde ela vinha, nem porque estava tão bem vestida, imoralmente linda, com os sapatos do falecido na mão.

Fora o homem mais bonito que vira em toda sua vida, os cabelos grisalhos, bem arrumados, a pele branca sem sinal de morte e os pés descalços.

— “Teus cabelos são como um rebanho de cabras descendo impetuosamente pelas encostas de Galaad. Teus dentes são como um rebanho de ovelhas... Tua face é como um pedaço de romã... Há sessenta rainhas, oitenta concubinas e inúmeras jovens mulheres, uma, porém, é a *sua* pomba, *uma só*”.

— Louca! — gritou a segunda filha — Calce os sapatos de meu pai e vá embora!

Como todo corpo que morre, as extremidades de Antonio Quijano incharam. Portanto, seria enterrado descalço. Rosa Branca do Carmo, assim como veio, saiu pela porta da frente com os sapatos nas mãos sob os rumores das outras mulheres. A viúva, pela fresta da porta, divisou-a cruzando a varanda, o vestido de veludo azul, os cabelos negros, a pele alva sem tempo.

Mesmo depois de enterrado, Antonio Quijano arrastou o amor de Rosa Branca do Carmo com ele. Sentada no meio-fio, com os sapatos nas mãos, conversava sozinha, mas não era tida como louca. Diziam que aquilo passaria com o tempo. Mais tarde, assumiu o pseudônimo andrógino de C.C. e foi embora para a Capital. Casou-se. Dizem que escreveu novelas para o rádio e a televisão, mas não se sabe quais ao certo, pois, cuidadosamente, sempre modificava seu nome para que, como os sapatos de Quijano, não lhe restasse memória.

É inevitável – disse o gato—, somos todos loucos aqui.
Gato de Cheshire

“Este imóvel já vem com um gato”, disse-nos o corretor. Andei pelos cômodos vazios à procura, nem sombra do tal felino. Não gostava de gatos, mas o apartamento era barato e bem localizado, portanto, não havia muito que especular. Talvez o animal nem desse pela nossa existência, meu marido e eu votávamos tarde do trabalho. Além do gato havia também, na sala, uma poltrona velha, que por ser muito bonita e rara, não nos desfizemos.

Três dias depois, acordei com o cesto de roupa limpa impregnado de pêlos, a dispensa e o lixo revirados. Cada acordar, uma surpresa: a sala destruída, o armário arranhado, um jarro quebrado, dejetos sobre o sofá. Resolvemos caçá-lo, mas o senhor do 203 advertiu-nos que seria impossível. Os vizinhos do condomínio tinham a vaga lembrança de um gato nos braços da antiga proprietária deste apartamento (103, bloco dos fundos) – “uma mulher branca de cabelos escuros: a mulher mais branca do mundo” – observaram.

Ruídos. Barulho de panelas. Cacos. Ele sabia que procurávamos por ele. Do quarto, escutávamos o arfar de um bicho farejando a nossa porta. Não poderia ser apenas um gato. Em vão, tentamos ludibriá-lo com o melhor leite, a melhor ração, o melhor bife. Em vão, também, telefonávamos à imobiliária. Burocracia. Dificuldades. Suplicamos pelo menos o endereço ou o telefone da antiga proprietária, nada sabiam sobre ela. Sentíamo-nos reféns daquele “bicho invisível”.

Inesperadamente, recebemos a visita do corretor que nos vendeu o apartamento. Mostrou-nos uma foto dela, que havia encontrado jogada no chão do quarto onde antes era biblioteca. O retrato, provavelmente recortado, faltava-lhe uma das mãos. Disse t~e-la visto apenas uma vez, no dia da entrega da chave, sentada, com o gato no colo, naquela poltrona velha, enquanto todo o resto já estava vazio.

Às três da manhã, levantei-me a fim de esperá-lo. Atrás do sofá, enxergue-o no centro da sala. Era realmente um gato a mirar a poltrona. Mas, diabolicamente,

possuía as garras muito longas e um número enorme de dentes como se sorrisse. Sentiu minha presença. E, por saber-me lançava-me o desafio da imobilidade, permanecendo paralisado quase até o amanhecer quando partiu.

Ainda atordoados, em meio ao café da manhã, a campainha tocou. Era ela, a mulher mais branca do mundo, num vestido verde, segurando nos braços o monstruoso gato sorridente. Sem que oferecêssemos, entraram. Sentaram-se em seu antigo lugar. E, quando o bicho saltou-lhe aos pés, percebemos que, de fato, ela não possuía a mão esquerda. Calada permaneceu ali por mais de uma hora, não falou a que veio, nem o que queria de nós.

(monólogo para Dai Fiorati)

“[Existir] é caso de loucura. [...] Existir não é lógico.”

Clarice Lispector

Hoje acordei com a certeza de que você viria. Mas não sei se acordei de fato ou se isso ainda é um prolongamento do meu sonho. Quando estamos sonhando as coisas acontecem sem que a gente precise pensar. Uma cadeira se move, as palavras saem sem abrir a boca e você simplesmente aparece aqui, do meu lado, sem eu precisar pedir que você entre, sente, que tome uma água, um café ou um chá. Sonhos não precisam de nada disso. Aparecerem e vão embora. Mas sei que poderemos ficar aqui durante horas nos olhando e que não iremos desaparecer. No máximo, nos cansar, nos entediar, embora você não tenha vindo aqui pensando em quebrar o tédio da sua vida. Da sua vida tão cheia de fotografias, viagens, cachorros e crianças. Da sua vida tão cheia de horários, amigos e casais. Da sua vida tão cheia de shopping, clube, salões e SPA. Quem sou eu para quebrar o tédio dessa sua tão preciosa vida. Uma vida tão contadinha, tão redondinha, tão fechadinha. Mas eu sempre tive essa dúvida, que talvez você me responda agora: você enxerga mesmo a sua vida assim? Será que uma pessoa não percebe quando as coisas lhe escapam? Um beijo fechado, as flores a mais na mesa, um anel esquecido, o telefonema sobressaltado? Porque eu me pergunto se diante de tantas evidências das coisas que nos escapam, se eu teria coragem de enxergar. Porque enxergar não é fácil. Enxergar dói, atrapalha, incomoda. Venha, venha enxergar o homem de grises olhos, mãos fortes, rosto pequeno, sorrir sozinho! Venha, venha enxergar o homem de grises olhos, hálito de madeira, pele de peixe, andar a esmo sob o sol escaldante das tardes. Venha, venha enxergar o homem de grises olhos, frentes grises, braços de nuvens, exalar por todos os poros seu cheiro de mar. Talvez você nunca tenha visto e nem conheça esse homem. Talvez você nunca tenha dado um segundo de sua tão preciosa vida para saber um pensamento dele. E foi assim, vendo-o sentado, em silêncio, na mesa de um restaurante no centro da cidade, entre homens de gravata e

mulheres de louça, que fiz o pacto: um segundo da minha vida pelo pensamento do homem de grises olhos e fronte grises! Levantei o copo. Um pensamento leva a outro, mais outro, mais outro, mais outro e mais outro. Passaram-se um segundo, passaram-se horas, dias, noites. E o homem de grises olhos e fronte grises tomou todos os meus pensamentos. Ele crescia, ele escrevia, ele já não ficava mais em silêncio diante dos homens de gravata e das mulheres de louça. E ele talvez já não incomodasse mais você. Mas você passou a me incomodar. Morte às mulheres cegas! Morte às mulheres cegas que levam suas crianças à escola. Morte às mulheres cegas que vão aos supermercados! Morte às mulheres cegas que enchem as cerimônias de sorrisos! Morte às mulheres cegas e a sua sobriedade nos álbuns de família! Morte às mulheres cegas que vendem suas filhas nos salões de festa; que maceram o membro dos seus filhos; que açoitam as empregadas! Morte às mulheres cegas que compactuam com a decadência, a mentira e a corrupção das sociedades. Mas tudo que consegui foi ver o homem de grises olhos e fronte grises partir, confortável e calmo, para os braços, que ironia, de uma mulher cega. Então arrumei tudo dentro de uma caixa, troquei as chaves, os números, o percurso. Atirei as flores, emudeci os cartões. E vem você, justamente você, bater à minha porta! Pra quê?

Minha tia Ester, maledicente, já havia morrido quando soube de um fato curioso que ocorreu entre ela e minha bisavó, Maria José. Naquele tempo, o lugar não era cidade, nem vila, nem fazenda. O sertão deveria ser mais vazio do que este que conheci, embora, com certeza absoluta, houvesse mais nome para chamar, além de garrancho, jurema, mandacaru e juazeiro. No inverno, a chuva apagava tudo. A pouca gente, se não fosse o instinto, não teria como chegar. Em uma noite chuvosa, minha bisavó, Maria José, velha, viúva e cega caíra. Estava morta. Passava os últimos dias na casa do filho mais velho, meu avô, David.

O luxo da família era apenas aquela mesa grande onde minha avó, Conceição, passava a melhor rede por baixo do corpo da sogra fria. Ainda não lhe haviam nascido todos os onze filhos. Fazia tudo sozinha, embora meu pai e algumas tias já, ali, andassem, mas sem grande valia. Meninos pequenos. Puxou o banco. Acendeu a vela e a colocou na mão daquela que já não estava. Era pra iluminar o caminho até o céu.

De manhã, chegaram o padre, os parentes e os outros filhos. Menos Ester, a mais nova e a que mais longe vivia. Muito diferente da que conheci: velha, triste e maledicente. Mas, naquele tempo: Ester era moça, alva, cabelo vermelho e olho azul de céu limpo. A espera terminou já passando meio dia. Ester desapeou do cavalo e se agarrou, encharcada pela noite de chuva, ao corpo da mãe. O marido de longe a via.

Foi quando minha bisavó abriu os dois olhos cegos. Atirou a vela quente que lhe queimava as mãos:

— Conceição, estou com fome! Conceição, traz minha batata com leite!

Dona Maria José sentiu a revoada ao redor, o pavor dos que estavam na sentinela. Ouviu os gritos. O padre, dizem, levou alguns sermões tentando acalmar os

ânimos sobre a lenda da morta-viva. Aquilo era mais normal do que muitos imaginavam. Mas a imaginação, essa sim, ganhou cada dia mais força.

Da segunda vez, o lugar ainda não era cidade, mas distritozinho. Meu pai correu pra ajudar a mãe a deitar a avó cega e fria. Estava morta, sim. Era preciso avisar. Tios, primos, compadres, agregados, irmãos. O caixão chinfrim, de um compensado mole, chegou pelas mãos de um político qualquer. Faltava o padre pra tocar o enterro. Ester veio de jipe desta vez. Coberta de poeira, alva, olho azul daquele tempo sem chuva, cabelo bem vermelho. Não tinha filhos. O marido por ali, por acolá. E os olhos cegos da mãe voltaram a abrir.

A família pobre vivera muito tempo como itinerante amargando os sonhos de meu bisavô em ser artista. Andavam de um canto para outro com um baú cheio de fantoches, fantasias e versinhos. Na frente, todos se divertiam, nas costas, chamavam-nos de vagabundos e preguiçosos. Não plantavam, mendigavam por comida, roupa e remédio. Minha tia Ester detestava e se envergonhava daquele tempo. Daí, porque fez o impossível para casar com um homem que trabalhava de verdade, um funcionário público, e enterrar o passado. No entanto, para sua infelicidade, passavam por aquele constrangimento de ter uma mãe que não morria. Por quê? Aos prantos, chamou minha avó:

— Conceição— enquanto o velório virava uma grande festa — odiava festas — moro muito longe para isso. Não agüento mais, só me chamem agora quando nossa mãe morrer de verdade. Minha avó guardou bem aquela ordem. Era uma precipitada. Quem sabe até Ester tivesse razão, talvez fosse mania de morrer.

Por algum motivo contei essa história hoje pela manhã no trabalho, uma colega antropóloga que, depois de rir bastante, revelou-me que na mitologia popular sobre a morte, a Dona Morte tolera ser enganada apenas duas vezes. Um outro amigo preocupado me questionou se a catalepsia não seria uma doença hereditária. Não, não é. Procurei saber e descobri que se trata de um estado transitório do sistema nervoso. Inclusive, alguns animais apresentam esse mesmo estado de paralisia, fingindo-se de mortos diante do predador. Provavelmente, naqueles dias, minha bisavó Maria José que nem conheci, talvez tivesse visto a Dona Morte de frente e, apavorada, “fingiu” morrer antes que a levasse.

Meu pai me contou, por casualidade, essa história sem grande espanto, ao se referir a maledicência de minha tia Ester. Disse que da terceira vez foram três dias. Que serviram café, bolo, canja para os convidados. Ele já era adulto e trabalhava na mesma

companhia de energia elétrica da qual veio a se aposentar. Disse que seguiu com os irmãos as instruções de meu avô, cada um se revezando na alça do caixão até o caminho do cemitério. Que Ester chegou atrasada sem tempo de jogar uma rosa que fosse. Na verdade, soube da terceira morte definitiva da mãe por outros. Sem filhos. Sem marido. De longe, percebeu o que para ela era um grande detalhe: o caixão de madeira maciça da mãe. Sim, os tempos haviam mudado.

(OU A MACABÉA E A BAILARINA)¹

*Em cada luz de mercúrio
vejo a luz do teu olhar
Passas praças, viadutos
Nem te lembras de voltar*
Belchior

Talvez, um dia, Ângelo, quando você voltar, vou pedir que se deite no chão para eu desenhar o contorno de teu corpo. Vai parecer mau gosto, eu sei, encontrar o contorno deslocado de um corpo chapado, aqui, no chão da sala, tal como a perícia costuma fazer nos locais do crime. Mas não é crime. É saudade. É você, Ângelo. É deitar dentro da sombra do teu corpo, Ângelo, e me sentir abraçada pela tua ausência. A gente era as sobras da noite: a paraíba e a bicha preta. As tristes alegres figuras, como você mesmo dizia, toda vez que começava a contar nossa história: do encontro da Macabéa com a Bailarina.

Eu era estudante e morava na Barata Ribeiro. Sem dinheiro e sem sono, segui até um boteco qualquer. Tinha prova no dia seguinte, além do aluguel atrasado, e as economias no fim. Na verdade, fui andar para não pensar em nada. Queria desmaiar mesmo. Para tudo sumir. E, ali estava você, Ângelo. Ou, melhor: Leona. Você só apareceu de manhã com a cara borrada, toda desmontada, perguntando se eu tinha algum demaquilante poderoso pra Leona descansar a cútis. Você era lindo mesmo assim. A cabeça raspada, os cílios numa mão e o picumã na outra. E Leona dançava. Tinha acabado de passar num teste uma boate na Prado Júnior. Um dia na semana, por meia hora! Todo começo era assim. No entanto, você nem desfrutava da boa notícia, estava arrasada, comendo um bauru com um copo de coca, e com uma mala azul enorme de lado, porque aquela colega invejosa de sonhos tinha te colocado na rua. Leona era uma *traíra*. *Tra-í-ra*. Roubara-lhe o lugar na boate.

¹ Conto publicado na *Coletânea para Belchior com Amor* (2016) organizada pelo escritor Ricardo Kelmer.

Mas lembrando da gente assim, talvez se eu fumasse, poderia até parecer uma personagem mais interessante pra ti que a Macabéa. Sabe, até acho bonito ver alguém fumando um cigarro blasé na varanda, mas meu dinheiro nem pra isso dava. Além do mais, eu morava nos fundos. De frente para o muro do nada. E não sei o que deu na gente naquela noite. Você disse que foi amor de viado: intenso e único. Mas sei lá. Penso assim hoje: da mesma maneira que, eu, a Macabéia irritava os riquinhos da Zona Sul, cursando Direito; a Leona era também um completo desacerto da natureza.

E as coisas foram melhorando pra nossa vida a três. Começou meu estágio. Ângelo conseguiu uma vaga como técnico de laboratório. E a Leona passou a dançar duas vezes na noite. Alugamos o conjugado da Miguel Lemos. Onde você me ensinou a apreciar o requinte da voz de Maria Callas, a tristeza de Pina Bausch, e a chorar vendo Marilena Ansaldi. Você só teve sua avó pra te permitir o sonho da dança. Foi mais de uma década de estudos, quando você me disse que, no dia do teste pra uma companhia, a diretora te mandou a real: você era negro, pobre e morava na Baixada. Você não servia para príncipe e nem para sapo. Mesmo com toda tua leveza. E, talvez por isso, a gente tenha se encontrado. Quando você chamou Leona pra invocar toda essa tua fúria, toda tua frustração, nós nos conhecemos. Nos conhecemos exatamente, no dia em que Leona Baker veio ao mundo.

E da Prado Jr. pro Cabaret Casanova, na Lapa, recepcionada por Laura de Vison. Foi quando percebi que você partiria sem mim. Não levado pelos homens impossíveis pelos quais você se apaixonava piscianamente como um louco. Por cada novo médico enrustido que chegava no laboratório, prometendo um canto no armário, o banco traseiro do carro. Foi por Leona, pelas luzes, pela promessa de um corpo pleno. Porque, afinal, para Ângelo só restava a piada da bichinha que voltava pra casa no fim do dia com as mãos sujas de abrir os frascos abarrotados com a merda do Copa D'Or.

– Sabe qual meu maior sonho? – você me disse assim, do nada, naquela tarde no Posto 2, olhando pro mar – Que Leona pudesse estar aqui, vendo esse por do sol com a gente. Que Leona pudesse ser livre.

Toda noite percorro a Av. Atlântica. Sigo devagar no carro. Ponta a ponta. Não sei quanto tempo faz. Disseram que 10 anos. Mas a dor é a mesma. A Espanha já não é mais tão longe. Nem o amor é tão eterno. Casamentos tive três. Nenhum com a tua mesma cor, nem com teu cheiro, nem com tua risada. Também te busco todas as manhãs nos jornais quando chego ao escritório. Mas agora falta pouco. Eu sinto. Eu sei. Falta pouco. Procuro você em todas elas. Debaixo das luzes. Devagar. Quase imóveis na Av. Atlântica.

Sobre Carmélia Aragão
e Este Livro

Helena Modzelewski – escritora

DEPOIMENTO

En 2014 Carmelia eligió Uruguay para su Doutorado Sanduiche y, entre todos los posibles orientadores, me eligió a mí. Ella no sabía que yo escribía, ni yo lo sabía de ella. Comenzó una relación académica formal. Su ternura era visible, incluso en el intercambio profesional. Me vio en Facebook, y antes de solicitarme amistad, me preguntó si yo la “autorizaba”. Esa pregunta era, ahora lo sé, muy Carmelia. Una niña temerosa pidiendo a la maestra desde su rincón algo tan natural como ir al baño. En Facebook supo que yo escribía ficción. ¡Prodigio! Me envió un email “á escritora” y me contó que ella también. Su historia era triste y a la vez poética, enigmática: “Há alguns anos me perdi da minha escrita. É como viver deslocada no mundo, entende? Como alguém que possuía uma voz e desde que a perdeu, já não sabe mais dizer as coisas...” A partir de ese día, nuestros intercambios se incrementaron. Hubo emails académicos, sobre su tesis, y otros donde me hablaba de su arte, como si en ella vivieran dos Carmelias; la estudiosa y la niña-poetisa, que describía su vida cotidiana con dulzura: “Ontem, despachei meus móveis e meu livros pra Bahia [...] E eu estou, aqui no Rio te escrevendo no meio de uma sala completamente vazia e apenas eu, um colchão, umas roupas, o notebook, a geladeira e minha inseparável gata.” Cuando Eu vou esquecer você em Paris llegó a mis manos, fue una confirmación de su magia. La voz que oí saliendo de esas páginas era imposible de olvidar, en París, en Montevideo, en ningún sitio.

A autora

Carmélia Aragão (18 de agosto de 1983) é natural de Sobral, Ceará. É contista com diversos textos publicados em revistas impressas e eletrônicas no Ceará e em outros estados do país. Seu conto 2003 (Carmina) foi agraciado com o Prêmio Domingos Olímpio. *Eu Vou Esquecer Você em Paris*, seu primeiro livro, foi premiado na categoria Contos do III Edital de Incentivo às Artes da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT/CE) em 2006. Carmélia também participou das antologias *Contos Fantásticos - O Cravo Roxo do Diabo* (2006), *Quantas de Nós* (2010) e *Para Belchior Com Amor* (2016).

Copyright © 2007, 2017 by Carmélia Aragão

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA | Ana Novaes

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO
E REVISÃO | ESCRITORAS CEARENSES

Aragão, Carmélia

Eu Vou Esquecer Você Em Paris E Em Outras Cidades: Contos/Carmélia Aragão;
prefácio de Mikaelly Andrade. – Fortaleza: Escritoras Cearenses, 2017.

Nova edição revista pela autora

1. Contos

[2017]

Todos os direitos reservados à
Carmélia Aragão.